

O SR. PRESIDENTE — A Presidência tem a honra de dar a palavra à nobre deputada Conceição da Costa Neves, que falará em nome do Parlamento Paulista.

A SRA. CONCEIÇÃO DA COSTA NEVES — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, deputado Roberto de Abreu Sodré (Palmas); Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira (Palmas prolongadas); Sr. Governador do Estado, Prof. Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto (Palmas prolongadas); Sr. Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Pedro Rodovalho Marcondes Chaves (Palmas); Eminência Reverendíssima D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Cardeal Arcebispo de São Paulo (Palmas); Exmo. Sr. Deputado Ranieri Mazzilli, Presidente da Câmara Federal (Palmas); Sr. Comandante do II Exército, General de Exército Stênio Calo de Albuquerque Lima (Palmas); Sr. Comandante da 2.ª Região Militar, General Levy Cardoso (Palmas); Sr. Comandante da 4.ª Zona Aérea, Major Brigadeliro Armando de Souza e Mello Araribóia (Palmas); Srs. Senadores da República (Palmas); Srs. Ministros (Palmas); Sr. Vice-Governador do Estado, General Porphyrio da Paz (Palmas prolongadas); Sr. Prefeito da Capital, Dr. Ademir de Barros (Palmas prolongadas); Sr. Presidente da Câmara Municipal, vereador Dr. Marcos Mélega (Palmas); Srs. deputados federais (Palmas); Srs. Secretários de Estado (Palmas); Srs. Vereadores (Palmas); Exmas autoridades civis e militares; minhas senhoras e meus senhores.

Srs. deputados, entre temerosa, orgulhosa e profundamente comovida, recebi de S. Exa. o Sr. Presidente Abreu Sodré a incumbência de saudar V. Exa., Sr. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. (Palmas.)

Na designação do Presidente desta Casa há muito dos gestos fidalgos da gente da velha cêpa de Piratininga.

A tarefa, em sendo das mais leves, torna-se árdua, isso porque não há síntese capaz de condensar os 50 anos de progresso deste país, realizados em 5 anos de um governo excepcional. (Muito bem; muito bem. A Casa permanece aplaudindo demoradamente.)

Proclamando minhas dificuldades, apresento escusas a S. Exa. o Sr. Presidente Abreu Sodré; se não fizer o melhor, na simplicidade de palavras sinceras, que serão o pensamento do povo que representamos, procurarei transmitir ao mais alto magistrado da Nação o comovido agradecimento desse mesmo povo.

Não há força de expressão no falar popular de que V. Exa., Sr. Presidente Juscelino Kubitschek, é um predestinado: descendendo de família modesta, foi V. Exa. um menino pobre de bens materiais; estudou com sacrifícios e com sacrifícios conquistou o seu diploma de médico; dono de uma vontade sobrenatural, revestida dessa coragem moral que é o apanágio dos verdadeiros heróis, foi V. Exa. de luta em luta, colhendo laureis; não falaremos das injustiças e incompreensões em que V. Exa. tropeçou; tropeçou, mas prosseguiu; prosseguiu e chegou à mais alta curul da Nação. Para tantos, seria o fim, para V. Exa. foi o princípio.

Nas andanças de candidato à Presidência da República, V. Exa. falava ao povo, como promessa, que realizaria em 5 um programa de 50 anos. O povo que tem alma de criança e sofrimento de anão, sorria; era o sorriso que se misturava na alegria de uma esperança e da descrença dos sempre enganados. Eleito, V. Exa. começou a trabalhar: trabalha desde que o sol surge das roupagens da madrugada, até que a noite tinja de negro o firmamento todo; (Palmas) para decepção de uns tantos, foi V. Exa. deixando para trás a política de conchavos, de perseguições, que é o ideal dos políticos pigmeus e voltou-se sempre para a política que é ciência, e como ciência, pesquisa os interesses e as necessidades das coletividades, para o devido atendimento. Percorreu V. Exa. o território nacional; viajando pelo ar, evitou que as montanhas, os mares e os rios modificassem a visão do panorama total. E foi V. Exa. redescobrir o Brasil; lá longe, a terra seca, necessitando irrigação; naquele outro ponto distante, águas volumosas jogam-se em loucos borboões, tantas vezes arrasando, destruindo, na fúria do desordenado; acolá, mata verde nos segredos de sua virgindade secular, separa populações, guardando, como avarenta, riquezas fabulosas e matando à fome o que em suas vizinhanças se achegam.

Certa feita, pela vez primeira na História deste País, um Presidente da República viajou seis mil quilômetros, para chegar às margens do Rio Negro e visitar os missionários salesianos que lá, perdidos na floresta, catequizam nossos índios. A alegria desse Presidente foi das maiores ao ouvir milhares de indiozinhos cantando o Hino Nacional e a emoção desse Presidente chegou às lágrimas quando, após o canto, a pequena multidão, de bandeirinhas em punho, gritava: Juscelino Kubitschek! V. Exa. viajou doze mil quilômetros para ouvir os indiozinhos brasileiros cantar o hino pátrio e conhecer das necessidades daqueles patriotas nossos até então esquecidos dos poderes públicos. (Palmas.)

Em vez de desanimar por ver tanto o que fazer, V. Exa. atirou-se ao trabalho com aquela vontade que fez de V. Exa., depois de candidato cheio de percalços, um Presidente retemperado pelas lutas. E foi realizando os milagres de Deus — pelo trabalho honesto!

Na tórrida terra do Nordeste, tantas vezes só umedecida pelas lágrimas dos nossos heróis irmãos daquelas bandas, centenas de açudes foram cavados, em número maior do que em todos os tempos dos tempos passados deste País; a água — bênção espargida por Deus como bem à vida de Seus filhos — foi carinhosamente cuidada pelo Governo Kubitschek, para término das agruras de um povo que faz jus às nossas reverências de ternura e respeito. Lá estavam apenas três e meio bilhões de metros cúbicos desse líquido sonhado pelos nordestinos; V. Exa., Senhor Presidente, os duplicou para seis bilhões e quatrocentos milhões de metros cúbicos, e, com os 58 reservatórios em construção aquela cubagem alcançará quinze bilhões e dois milhões de metros cúbicos!

Que Deus continue abençoando com água as terras nordestinas, pelo trabalho honrado do homem brasileiro, e secando os olhos magoados dos nossos irmãos de lá.

Não fora a tragédia de Orós, dentro e fora do país milhões de pessoas continuariam a ignorar os feitos de seu Governo no setor das águas para o Nordeste, e, para que se apague de vez a lembrança dorida daquela tragédia, lembremos que logo Orós estará majestosamente distribuindo suas águas mansas à terra, para a germinação das sementinhas que serão a força para o seio materno da mulher nordestina. A capacidade de Orós diz bem da visão do Presidente Kubitschek: a bacia hidrográfica de Orós é do tamanho do Estado do Espírito Santo e a sua bacia hidráulica é igual à Baía da Guanabara!

Depois de conquistar as águas para o Nordeste, como bom enamorado dos nossos problemas, foi V. Exa. acarinhando as águas bravias de Paulo Afonso, e nesse abraço vigoroso procede-se à transformação dessas águas em energia elétrica, para a valorização do homem e da terra brasileira, com Furnas e Três Marias. Já no próximo ano, o país terá acrescido em 2 milhões de quilowatts a capacidade instalada, elevando-a para 5 milhões; empreendimentos em curso darão em 1965, mais 3 milhões de quilowatts. Furnas é hoje a maior obra em seu gênero, no mundo. (Palmas prolongadas.)

O petróleo, que está passando a ser realmente nosso, mereceu do Governo Kubitschek atenção efetiva na pesquisa, produção, refino e indústria petroquímica. Em sua meta inicial, o Presidente Kubitschek fixara 40 mil barris por dia, para 1960. Foi coberta com antecedência de 2 anos! Já em 1959, a média foi de 64,6 mil barris diários e, neste ano de 1960, teremos 100 mil, correspondentes já a 37% das exigências do mercado interno. No refino, a passo largo, caminha-se para a auto-suficiência. A liberação anual de divisas proporcionada pela indústria petrolífera foi da ordem de 144 milhões de dólares em 1959, e, no próximo ano, estará decuplicada em relação a 1955. A Petrobrás é hoje a quarta empresa petrolífera do mundo. (Palmas prolongadas.)

Sempre tivemos receio de que, quando o petróleo brasileiro fosse arrancado da terra — face ao progresso mundial — pudesse ele servir apenas para limpar assoalhos ou manter arcaicos isqueiros; a dinamização do Governo Kubitschek derrotou nosso pessimismo. Aliás, diga-se de passagem, essa foi meta não prevista, mas realizada; o Presidente Kubitschek pulverizou essa herva daninha tão arraigada no espírito do povo brasileiro — o pessimismo — mal maior e pior do que qualquer das nossas endemias.

Ter petróleo sem ter veículos é como que ter feijão sem panela; e aí estão os veículos para o consumo do petróleo, e com essa conjugação temos o transporte da produção agrícola — do produtor aos centros consumidores — passando por cima dos cadáveres dos atravessadores, sangue-sugas do povo e da nação brasileira. (Palmas.) Em três anos, a indústria de automóveis, cujo êxito surpreendeu o mundo técnico, entregou ao mercado 188 mil e 72 unidades. No último exercício, faturou aproximadamente 93 bilhões de cruzeiros. Os investimentos nos setores de veículos e de auto-peças somam 300 milhões de dólares, além de 18 bilhões de cruzeiros despendidos no País.

Senhor Presidente, seria ingrato não dizermos do que foi carreado para os cofres públicos de São Paulo como decoreta de tão grande faturamento; fomos mesmo o grande beneficiado (Palmas prolongadas) e assim teria de ser, já que somos o grande celeiro do País.

Cinco novas fábricas de motores entraram a funcionar; eixos de transmissão se produziram pela primeira vez no Brasil; quatro empresas de grande envergadura fizeram aumentar a capacidade nacional de forjamento.

Presidente Kubitschek, isto sim é nacionalismo, nacionalismo autêntico, nacionalismo brasileiro, porque é nacionalismo verde-amarelo! (Prolongada salva de palmas.)

Para que o petróleo nacional seja queimado em veículos nacionais, V. Exa. rasgou estradas; nem o sol escaldante, nem as chuvas torrenciais impediram que V. Exa. e um punhado de autênticos patriotas se embarafustassem floresta a dentro, ignorando todos os perigos, cegos a todas as dificuldades, tendo olhos para ver somente a grandeza de um futuro que precisa ser presente. E o trabalho faz o milagre e surge a Belém-Porto Alegre, a Fortaleza-Brasília e já o início da Acre-Brasília!

E a integração! A Acre-Brasília é rodovia de vital importância para definitiva conquista do oeste brasileiro. Advertiu-se que os engenheiros, técnicos e operários que se empenharam em tal façanha sujeitar-se-ão a grandes privações e perigos, inclusive a ataques de tribos indígenas que povoam a região. Quando os homens já não se satisfazem com a posse e a conquista efetiva do próprio país, lançando-se a viagens espaciais para a conquista de posições em outro planeta, é desolador que até hoje 80% do nosso território permaneça inculto, virgem, acolhendo até tribos canibais!

Os bandeirantes que alargaram as fronteiras da Pátria, os militares e políticos que conseguiram manter íntegra a imensidão do nosso território, ameaçam surgir dos túmulos e nos interrogar: "Que fizeram com este patrimônio durante 400 anos?"

É admirável que só re Governo de V. Exa. ressurgisse o espírito indomito do bandeirantismo.

É a integração! V. Exa. marcou um encontro dos brasileiros do norte, do sul, do leste e do oeste e, apertando-se as mãos, o homem brasileiro, tendo a V. Exa. como guia, parte para o arremetida do progresso.

Petróleo — veículos — estradas!

Os veículos, queimando petróleo, correm pelas estradas! Só para o deslumbramento dos olhos, pela visão magestosa de tanta beleza que Deus nos deu? O Governo Kubitschek quer que, entremeados com automóveis de passeio, corram os caminhões com a produção do campo para as cidades e os progressos da indústria para o homem do campo; e o problema dos fertilizantes foi entretanto, como o de implementos agrícolas; promoveu a indústria de tratores, que são os "cadillacs" do agricultor, cuidou da armazenagem; aí estão os detalhes todos para que a panela do povo brasileiro não seja motivo para exploração demagógica; V. Exa. assegura a esse povo panelas cheias de alimentos saudáveis.

Alimentar bem um povo é muito, mas não é tudo. V. Exa. nos ensina que temos 4 crianças ou adolescentes para 1 adulto, o que significa dizer que somos um povo moço; ainda que, a título de conforto, consideremos a velhice um bem, não podemos esquecer todos os bens de que se constitui a mocidade; para que o envelhecer não seja um pesado fardo, necessário se faz que a mocidade seja cuidada. E V. Exa., paternalmente, envolve a mocidade brasileira em suas atenções: de 1956 a 1959, através de convênios com Estados e Municípios, o seu Governo proporcionou a construção de 1.114 escolas para o ensino primário, (muito bem!) muito bem! Palmas prolongadas) possibilitando 210 mil vagas a mais; a contribuição federal em 1955, foi de 300 milhões de cruzeiros; em 1959 atingiu os 2 bilhões. Estimulando o ensino profissional, V. Exa. passou o orçamento de 1955 de 143 milhões para 1 bilhão e cem milhões de cruzeiros em 1959.

Era tradição nossa contemplar melhor o ensino superior. Conferindo a realidade brasileira, V. Exa., acertadamente mais uma vez diminuiu essas dotações, que até então eram mais da metade das dotações federais destinadas à educação, mas o que daí se tirou foi endereçado principalmente ao ensino médio, cujo orçamento em 1953 era de 200 milhões e subiu a mais de 1 bilhão e meio de cruzeiros em 1959. Assim, 330 milhões foram destinados a bolsas para estudantes carentes de meios. No ensino técnico e científico, consignamos o relevante acontecimento que foi a criação de 14 Institutos, junto das Universidades.

Como médico, Presidente Kubitschek, V. Exa. tem a alegria de dizer ao seu povo: decresce a incidência das doenças transmissíveis; recuam-se as taxas da mortalidade infantil; eleva-se o índice médio de vida. O Brasil já deixa de ser um vasto hospital.

Murmuram por aí que nas suas realizações faltava humanismo. Só a desorientação dos desalojados da realidade nacional assim se pode expressar. V. Exa. endereçou suas metas à humanização do povo brasileiro, combatendo o subdesenvolvimento e criando melhores condições de vida pelo trabalho de todos: promove o bem-estar social, que é a mais legítima humanização de um povo. (Muito bem!) Numa noite que se aquietou na distância do tempo nos idos de 1888, um sacerdote que se fez santo sonhou e viu o planalto central da terra brasileira e depois escreveu:

"entre os paralelos de 15.º a 20.º, havia um altiplano muito largo e muito extenso que partia de um ponto onde se formava um lago".

Então uma voz disse repetidamente: "quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível".

O melgo sonho de um santo transforma-se em realidade pelo milagre da vontade de um homem — Juscelino Kubitschek de Oliveira — (Muito bem! Palmas prolongadas) — e surge Brasília!

Brasília! Brasília que nasceu ontem e já é a namorada do mundo! Todos a querem ver e, vendo-a, dela se apaixonam.

Senhor Presidente, os adjetivos que possam qualificar a beleza, o esplendor, a fé, a glória que Brasília sintetiza, (muito bem) esses adjetivos precisam a força para expressar o sentir de cada um e de todos. Alguns combateram a construção de Brasília; hoje, em uníssono, reverenciam o sonho do santo que V. Exa. transformou em magnífica realidade. (Palmas prolongadas.)

Haverá quem ainda conteste os valores dessa realidade? Presidente Kubitschek, Ariel e Caliban não permitiram a unanimidade no Céu! V. Exa. sabe que o povo brasileiro está possuído, não de entusiasmo — o que seria mau — mas de uma convicção inabalável dos bens todos que lhe advirão da mudança da Capital. Há mais ou menos um mês, foi visitar Brasília o Presidente desta Casa; ao regressar, procurou-me e, de olhos brilhantes e expressão de euforia dizia-me de todo o esplendor da nova Capital. Terminou assim: — Que pena tenho de não estar nascendo hoje para ver toda a beleza daqueles parques, todo o vigor daquela cidade daqui a 50 anos! Deputada, quando encontrar-se com o Presidente, diga-lhe que ele é um louco divino! (muito bem!) A Casa, de pé, aplaude demoradamente.)

V. Exa. Presidente Kubitschek, é o incontestavelmente, o Homem do Século. (muito bem!) A Casa permanece aplaudindo demoradamente.)

Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, V. Exa., com a graça de Deus, atingiu metas que propôs ao seu Governo. Extraordinárias todas, a mais sensível ao meu coração foi a do respeito a que V. Exa. impôs à nossa Pátria, respeito que vi e senti no trabalho entusiasmado do condango, respeito até nos dizeres da oposição, respeito pelo respeito que V. Exa. demonstrou no cumprimento do estabelecido pela Constituição Brasileira, respeito pelas liberdades todas de toda a gente brasileira, (muito bem) porque quando um povo começa a enumerar as liberdades que tem, principia a perder todas. (Muito bem! Muito bem. Palmas prolongadas.)

De todos os esplendoresos detalhes do legado que V. Exa. deixa a seus pósteros, esse respeito é o mais belo e o mais pesado; ele envaidecerá e responsabilizará os restos dos netos de seus netos, Senhor Presidente. (Palmas.)

Muitos, na história do mundo, foram os criadores de cidades; Semíramis, rainha de Babilônia, construiu grandes cidades, edificou palácios suntuosos, templos magníficos, plantou jardins fabulosos, mas em nada beneficiou o povo. Alexandre o Grande, Remo e Rômulo, Ulisses, fenícios, egípcios construíram cidades e mais cidades, todos com o trabalho escravo e a maioria com o sentido da defesa. Brasília ao contrário, tem a função do ataque, do ataque vigoroso, ao subdesenvolvimento. (Muito bem! Palmas prolongadas.) Suas obras, Presidente Kubitschek, têm finalidades produtivas, obras de infraestrutura e criaram as condições básicas do nosso desenvolvimento.

Desde o avorecer de nossas infâncias, aprendemos a sentir orgulho do azul de nossos céus, do gorgojo de nossas aves, das belezas de nossas florestas. É um orgulho romântico a que V. Exa. acrescentou o orgulho de sermos um grande e vigoroso povo.

Na construção de Brasília, deu-se a redenção da figura secular do trabalhador: o condango compreendeu que o seu trabalho representa o progresso do seu País, a prosperidade de seus filhos e por isso trabalha sorrindo e repousa cantando.

Senhor Presidente, estamos em São Paulo e não poderíamos cometer o crime de lesa-majestade não falando no café. Ele, que ainda é a força maior da nossa economia, ele, que também foi cuidado por V. Exa., ele, que em muito permitiu a V. Exa. a realização de suas metas; pela vez primeira, os cafeicultores não padeceram grandes incertezas, porque o seu Governo, principalmente pela política segura e sábia do seu Ministro da Fazenda, Dr. Sebastião Paes de Almeida, (muito bem, palmas prolongadas) deu ao produtor o amparo de que ele necessitava, garantindo a produção. Ainda agora, em safra excepcional, mais de 42 milhões de sacas — foi providenciado o financiamento à base de dois mil e quinhentos cruzeiros por saca, medida que, em